

# FIRKIDJA DE KASA: AS MULHERES GUINEENSES NOS MERCADOS INFORMAIS DE BISSAU

LETÍCIA MONTEIRO DJONU<sup>1</sup>

ORIENTADORA: VERA RODRIGUES<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca trazer novos olhares perante os trabalhos das mulheres nos mercados informais de Bissau, capital da Guiné-Bissau, África ocidental. Para este estudo fez-se uma pesquisa etnográfica. O objetivo é analisar como as vendas das mulheres nestes mercados em Bissau ajudam na manutenção da família. Pois, elas são vistas como “*firkidjas de kasa*”, ( pilar da casa, alicerce principal da casa, ou seja, as mulheres que com as suas atividades comerciais assumem responsabilidades da família), conceito criada pela própria sociedade para homenagear estas mulheres que lutam para dar melhor condição de vida à sua família. Foram feitas entrevistas com algumas mulheres bideiras- firkidjas de kasa. Os resultados são importantes para os próximos estudos, pois mostram que com estes trabalhos, as mulheres passam a ter papéis importantes na sociedade guineense visto que muitos homens se encontram desempregados.

**Palavras-chave:** Mulheres *firkidja de kasa*; vendedeiras; mercados de Bissau

## RUSUMU

És artigo tissi kuma ku mindjeris ta vira-vira pa pudi bindi sé kusas na feras di Bissau, kapital di Guiné-Bissau lá na África. Pa fassi és tarbadju, nó bai até na feras, nó djubi, i nó papia ku mindjeris ku ta bindi la (pesquisa etnográfica). Nó objetivo i pa mostra, tambi pa konta djintis kuma ku bindi dés mindjeris na fera di Bissau ta djuda na sustenta família, pabia elis éta odjadu suma firkidjas di kasa. Na sé bindi-bindi la ku éta konsigui pui bianda na kasa, paga skola, mesinhu ku kumpra ropa pa omi ku fidjus, kila ku pui djintis ta tchoma eles di firkidja di kasa. Odja nó bai papia ku eles, nó fasi elis manga de purguntas, é ruspundil tudu. Gosi, tarbadju kaba dja, nó tchiga na rusultadu di kuma, djintis tené roson, otcha é pui mindjeris nome de firkidjas de kasa, pabia, eles ku ta djuda família, pabia omis manga delis ka tené tarbadju.

**Palavras-chave:** Mindjeris firkidja di kasa; bideiras; feras di Bissau

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

<sup>2</sup> Orientadora, professora do curso da Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## INTRODUÇÃO

Os trabalhos informais das mulheres nos mercados em Guiné-Bissau, especificamente de capital Bissau, têm mostrado significativamente importante tanto na economia quanto na sustentação da família. As mulheres vendedeiras nos mercados informais em Bissau assumem como partes importantes na manutenção da família através dos trabalhos de vendas de produtos como legumes: tomate, abóbora, cenoura e batata. Verduras: alface, couve, repolho, salsa e pepino. Mariscos: peixes, camarão, caranguejo, polvo etc. Frutas: Como a manga, caju, goiaba, maracujá entre outras. Suas importâncias nestes mercados têm revelado os seus potenciais em relação à organização social da família e do próprio Estado guineense. O fato é que as mulheres guineenses adotaram essas formas de vida como forma de sustentar a família, ou seja, as intenções destas vendas nos mercados têm os objetivos de ajudar manter a família, já que em muitos casos os seus esposos se encontram desempregados.

É importante realçar que, a Guiné enquanto Estado, tem dificuldade em criar postos de empregos formais, e isso tem desorganizado a sociedade até ao ponto de as mulheres assumirem os principais papéis de sustentar a família através de vendas nos mercados informais da capital Bissau. Nesta perspectiva, nosso interesse em estudar os trabalhos das mulheres nos mercados em Bissau tem a ver com o significado que a própria sociedade deu a esse trabalho, ao ponto de criar termos e conceitos para atribuir à essas mulheres. A atribuição do termo “*mindjeris fikidja de kasa*” (mulheres pilar da casa) para sinalizar as responsabilidades que as mulheres guineenses assumem na família, a responsabilidade que permite as mulheres através destas atividades comerciais assumir controle da família no seu todo. Deste modo, o presente artigo tem por objetivo analisar os papéis destas mulheres mães que atuam nos mercados informais dentro de capital Bissau. Estudar esta temática é para mim um desafio enquanto acadêmica e guineense, pois analisar os papéis destas mulheres mães é também compreender como é o cotidiano delas no país e perceber como elas lidam com a vida familiar e fora de casa nos mercados. Por isso, considero elas de mulheres guerreiras mães que lutam para sustentar a família, elas assumem as funções da casa na sua totalidade, quanto aos desafios enfrentados nos cotidianos. Para Oliveira (2020) é possível compreender que é a própria sociedade guineense no seu todo que vive sob a pobreza material. A recente história da guerra de sete de junho de 1998 que durou onze meses, desde aí o país nunca mais voltou a viver estabilidade. Fato este que contribui no quadro atual de desemprego em massa. Ainda afirma que, a consequência da guerra na vida das crianças naquela época ainda continua

a assombrar a geração atual. É possível analisar o quadro atual de desemprego e papel das mulheres olhando para estes fatos acima expostos. No nosso entender, além destes fatos, soma-se a outros como a continuidade de conflitos, assassinatos, golpes de Estado e corrupção.

O desafio da mulher *firkidja de kasa* não deve ser entendida como simples ato de vender produtos nos mercados, mas antes de tudo, deve ser entendida a partir de uma agenda cotidiana que assumem como forma de manter suas atividades em dia. Atenta-se para o seguinte: normalmente, os mercados abrem às 6 horas da manhã, mas estas mulheres acordam entre 1h à 4h de madrugada para ir comprar os produtos que irão revender nos mercados e isso é uma agenda diária. O fato é que muitas delas também são agricultoras ou têm conhecidas que trazem produtos para vender daí vão ao encontro delas nos portos (exemplo de Porto de Pindjikití ou Porto de Bandim), as vezes em feiras distantes de Bissau como de Bula, Nhacra, Tchalana, etc. São estas entre outras dinâmicas que assumem diariamente. No entanto, se evoca os papéis que as mulheres têm assumidos na sociedade guineense, parte do pressuposto de que, estas mulheres adotaram este mecanismo como forma de “salvar a família”, um termo bem conhecido entre os guineenses que acompanham estas atividades. É interessante a forma como, estudar esta temática pode-nos levar a conhecer o cotidiano das mulheres nestes mercados.

Para isso, a priori tenta-se justificar a este estudo a partir de uma visão familiar, ou seja, sou parte desta história, minha família também, mas ao mesmo tempo, sentimos a necessidade de estudar o tema pois a nossa preocupação em relação à vida das mulheres guineenses e das suas famílias continua a depender dos seus trabalhos cotidianos. Há necessidade de mim, enquanto filha de uma destas mulheres, refletir sobre suas atuações na sociedade e poder problematizar este tema. A Maioria das famílias guineenses dependem dos trabalhos dessas mulheres, eu enquanto filha de uma delas desde que eu nasci, eu e as minhas irmãs dependemos da nossa mãe para tudo, e até hoje continuamos a depender, graças as vendas dela consegui estudar numa escola privada. A minha mãe acorda bem cedo todos os dias, é a mesma rotina, saí de casa de manhã e volta à noite. Ela passa o dia inteiro no mercado vendendo os legumes. E, hoje estou na universidade graças aos esforços dela, consegui me comprar passagem para vir estudar no Brasil, e sei dos meus conterrâneos que estão na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab que também são filhos/as dessas guerreiras. Por isso, acredito ter motivos e necessidade de discutir este tema e também no fato que queremos trazer parte da história de mulheres guineenses que vendem nos mercados de Bissau e

que assumem um importante papel na sociedade, pois entendemos que a melhor forma de se contribuir nesta temática é trazer junto aos nossos leitores e nossas leitoras conjuntos de elementos para as suas reflexões no que se refere à nossa sociedade guineense em particular as mulheres *bideiras*. Mas isso não significa que a nossa proposta seja a única nesta linha de ideia, mas é em particular uma discussão que além de trazer à luz a vida destas mulheres nos mercados, também trará a própria família como parte que sobrevive deste trabalho da mulher.

Diante disso, torna-se necessário estudos de vidas das mulheres nos mercados informais, tantas mulheres guineenses tantas africanas têm dedicado seus trabalhos para pequenas atividades comerciais (BALDE, 2008). Para Saico Balde, as mulheres africanas têm se dedicado às atividades comerciais e informais como forma de atuar nos ambientes econômicos como político. Já no caso dos guineenses, as mulheres assumem diversos papéis e atuam nos mercados para manter a família e ao mesmo tempo ocupar posições sociais que lhes colocam no cenário político.

É certo que este problema de manter família deveria ser responsabilidade tanto das famílias quanto do próprio Estado, mas tendo em conta o histórico de nosso país, um Estado que vive de instabilidade (OLIVEIRA, 2020), desde a sua independência, dificilmente consegue criar políticas públicas voltadas à sua população, com exceção dos financiamentos de fundo das Nações Unidas para Infância e outros ONGs que acabam incluindo a família. Isso nos interpela a refletir sobre nossa realidade social e entender como os diferentes quadrantes sociais se articulam para manter suas famílias. As mulheres guineenses de maneira geral assumem a família através das suas atividades econômicas cotidianas, o que permite manutenção social. Metodologicamente, este tema requer de nós um trabalho com maior detalhe para análise e com as entrevistas de forma semiestruturadas feitas com as mulheres nos mercados. Para isso, Mônica Fagundes Dantas no seu texto intitulado “Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança”, publicado em 2016, afirma que a etnografia é um método da pesquisa e ela consiste numa dimensão sociocultural do fenômeno em estudo e é caracterizado como uma atividade minuciosa e reflexiva de observação e descrição do pesquisador no seu campo. Nisso, o nosso estudo numa dinâmica da pesquisa qualitativa nos permitiu coletar os dados a respeito do tema em estudo de e sobre as mulheres nos mercados em Bissau. Nesta perspectiva, Minayo (1994) afirma que a pesquisa qualitativa responde, a partir de um universo particular e numa dinâmica de valores, crenças, redes familiares e outros. A partir disso, fomos juntos à estas mulheres e trazer suas vozes junto

à nossa pesquisa. Fizemos entrevistas com algumas mulheres que vendem nos diferentes mercados, ou seja, elas mesmas mudam de vez em quando para outros mercados em função de negócios. Daí nossas conversas que apresentaremos mostram claramente como é o cotidiano e os desafios que elas enfrentam em Bissau. Isso além de se somar aos desafios de serem mães com crianças em casa para “cuidar”. Ao longo das conversas com as mulheres *bideiras* em Bissau, no qual foram feitas algumas questões entre elas destaca-se: como as atividades comerciais nos mercados informais em Bissau influenciam a vida familiar? Como as mulheres lidam com os agentes da câmara de Bissau que cobram receitas do Estado? Como estas atividades econômicas contribuem na organização social? Estas são algumas das questões que conduzimos com as mulheres para, de uma forma geral, compreender esse envolvimento nos mercados informais guineense. Ao longo da entrevista percebe-se a urgência que as mulheres têm em desabafar sobre um conjunto de situações que passam. Há necessidade de estas mulheres estarem nos lugares da decisão (BALDE, 2008), um lugar que permite com que todas elas possam se sentirem protegidas e poderem desenvolver suas atividades.

Para este estudo, selecionamos alguns textos dos autores que enquadram na nossa discussão, à exemplo de Maria Odete C. S. Semedo (2010) no seu texto *As mandjuandade: Cantigas de mulher na Guiné-Bissau/da tradição oral a literatura*; Anilsa Lima Almeida (2018) *Participação das mulheres Guineenses no processo de resistências contra o colonialismo português: O caso da rainha Okinka Pampa*; Goia Alfredo Biague (2019) *Da invisibilidade a representatividade: breve discussão sobre mulher na esfera pública de Guiné-Bissau*.

Os resultados para esta pesquisa podem de maneira geral contribuir nos próximos debates que advir deste assunto, e os possíveis resultados podem ser as mulheres enquanto portadoras de significados em relação à essa atividade comercial. Espera-se que no final o resultado coincida com os objetivos preconizados para este estudo. Para Antônio Carlos Gil (2002) a hipótese pode ser confirmada ou não. No nosso caso em específico, nossa hipótese confirmada ou não, acredita-se que as contribuições que virão da pesquisa serão fundamentais para o conhecimento da vida destas mulheres guineenses em Bissau.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES NA SOCIEDADE**

É um desafio para os estudiosos da história da Guiné-Bissau conhecer papéis que as mulheres tiveram na nossa moderna história, pois só com isso iremos compreender

nossa realidade social e entender porque de atuais desafios que as mulheres assumem na sociedade. A menos de meio século que saímos de uma luta armada que teve grande protagonismo das mulheres e, isso é caminho para conhecer nossa identidade Bissau-guineense. Em Guiné-Bissau, há leis que mostram igualdade e proteção das mulheres e homens, mas infelizmente muitas vezes isso não se vê na prática. Na Constituição da República da Guiné-Bissau no seu capítulo a respeito dos direitos, liberdades garantias e deveres fundamentais, no seu artigo 25 declara “o homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, econômica, social e cultural” (CRGB, 1996, p. 15). Ainda no capítulo afirma que, o homem e a mulher têm os mesmos direitos econômicos, culturais e na educação dos filhos. Outro sim foi a criação da lei de paridade, aprovada no parlamento guineense e promulgada pelo então presidente José Mário Vaz em 2018. A lei fortemente debatida no parlamento e outras plataformas das mulheres e das redes das sociedades civil, permitiu em parte, um sucesso em termos da lei e não em termos da prática do cumprimento desta lei. Contudo, é importante realçar o diálogo que diferentes plataformas de mulheres vêm assumindo e questionando os sucessivos governos para o cumprimento dos acordos internacionais como, por exemplo, a agenda africana 2063 com seu título de “a África que queremos” no qual, de forma objetiva nos seus princípios emanada as questões da igualdade de gênero e outras categorias que permitem uma convivência pacífica. Ora, estas leis se fundamentam nas relações que o próprio Estado assume correlação às mulheres em Guiné-Bissau, fato este, segundo a Gomes (2012) e Gomes (2019) as mulheres guineenses tendem a organizar em várias plataformas para e por meio desta criar seminários de formações, capacitações, palestras como objetivo de fazer as mulheres conhecerem seus direitos na sociedade guineense.

Estas dinâmicas vêm mostrando que não faltam leis para garantir esses direitos, isso desde a independência do país o Estado guineense tem feito isso, mas na prática os homens continuam a dominar o país não só no aparelho do Estado, mas também em casa, apesar deste papel importante que elas assumem com a família. É nesta perspectiva que Patrícia Godinho (2015) nos lembra como foram as participações das mulheres na construção do Estado-Nação guineense, isso começando desde a luta de libertação nacional. É nesta ótica de ideia que ela afirma que a

contribuição das mulheres foi importante e permitiu alcançar objetivos em termos da organização das novas instituições das zonas libertadas. No seu Programa de Ação o PAIGC estabeleceu a igualdade entre os homens e as mulheres, afirmando que os homens e as mulheres gozam dos mesmos direitos na família, no trabalho e nas atividades públicas. Se considerar o contexto sociopolítico da época, estas palavras traduziram-se numa verdadeira

inovação, se não revolução, em relação ao estatuto da Mulher na esfera pública. (GODINHO, 2015, p. 2).

As mulheres como mães na luta de libertação nacional liderada pelo Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), foram importantes na derrota contra o poder colonial que ao longo dos séculos tem dizimado vidas de mulheres e crianças através de violação. Isso sim, pode ser compreendida a partir das revoltas das mulheres ao longo da luta. Uma das vozes guineense, é a da doutora Maria Odete. C. S. Semedo (2010), que em sua tese sob o título: *As mandjuandadi - cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Na tese, ela traz relatos importantes sobre as contribuições das mulheres tanto na luta de libertação nacional quanto nas suas participações na vida política, social, cultural e econômica do país nos períodos atuais. As mulheres são vozes vivas para a continuidade das nossas culturas, pois segundo Maria Odete C. S. Semedo (2010) elas cantam, elas guardam, elas ensinam as tradições através das músicas, danças e suas sociedades de iniciação. Segunda a autora a referida sociedade prefere usar o termo com significado no crioulo “*mandjuandadi*” significa geração e ou especificamente para o caso que ela refere; o termo se aplica à organização das mulheres que compartilham sentido da vida. Nestas organizações, elas se manifestam, se orientam, e se decidem a vida social da família e da comunidade. Ou seja, há uma participação ativa das mulheres na vida cultural, econômica, social do país e, isto faz parte da história étnica daquela região, pois são várias narrativas que nos interpelam a compreender o papel das mulheres desde séculos passados. Há um exemplo interessante a despeito de nobre papel de mulher na sociedade guineense, como a Okimka Pampa<sup>3</sup> rainha-bijagó (ALMEIDA, 2018), recordada até os dias atuais como símbolo de resistência usado tanto para as mulheres quanto para os homens. Para Anilsa Lima Almeida,

A rainha Okimka Pampa manteve à frente do poder no arquipélago dos bijagós até o ano da sua morte, em 1923. Tratava-se de uma mulher venerada e respeitada em todo o arquipélago bijagó, e foi também destacada nas literaturas sobre resistências desencadeadas contra o processo colonial na Guiné. Foram vários fatores que estiveram na base desse prestígio de Okimka Pampa, por ter sempre resistido à colonização dos portugueses e por ter concluído com estes um acordo de paz, considerado justo para o seu povo. (ALMEIDA, p. 4, 2018).

Nos dias atuais a história dessa mulher é símbolo de resistência para as mulheres guineenses que inspiram nela como ato de resistir à vida e acima de tudo, pensar a família

---

<sup>3</sup> Segundo a história veiculada através da oralidade, uma fonte importante para resgate da história escrita africana, estas histórias contam do poderio da rainha após assumir o reino depois da morte do seu esposo. Esta rainha bloqueou por completo da presença portuguesa, francesa e ou qualquer presença estrangeira na ilha dos bijagós ao longo dos anos da sua liderança. No entanto, estas histórias constituem bases importantes para as emancipações que ocorrem e ocorreram em Guiné.

como elemento importante. Ou seja, assumir e contribuir na manutenção da família do tipo guineense pode ser entendido como ato histórico, pois a história guineense conta como foram construídas nossas famílias de geração em geração e como as mulheres sempre assumem um papel importante na família.

De igual maneira na Guiné-Bissau, as mulheres estão empenhadas em diversos setores que contribuam no desenvolvimento do país principalmente no comércio informal. Este setor tem sido fonte de rendimento para a economia familiar de inúmeros agregados familiares guineenses. Contudo, deparam com problemas de várias ordens financeiros, falta de instituições de créditos, materiais de trabalho, com poucos meios de transporte de cargas-mercadorias dificultam a mobilidade das mulheres e finalmente espaço de instalação de vendas dos produtos, documentações que lhe impedem de circular livremente dentro do país assim como nas fronteiras. (MENDES, 2016, p.17).

Para isso, há uma necessidade de entendermos como estas atividades econômicas que envolvem as mulheres em Guiné-Bissau, particularmente em Bissau contribuem tanto na melhoria da família quanto na economia do país no seu todo e principalmente no papel social que elas assumem na família. Para Goia Alfredo Biague, as mulheres passaram a assumir papel de “chefe” da família

Verifica-se, portanto, que a realidade material de escassez econômica de Guiné-Bissau, empurra as mulheres a ocuparem os espaços privados econômicos, evidenciando o papel de chefe de famílias que muitas cumprem, mas o aumento da responsabilidade das mulheres para com a família não necessariamente se reverte no equilíbrio das relações entre homens e mulheres (BIAGUE, 2019, p.7).

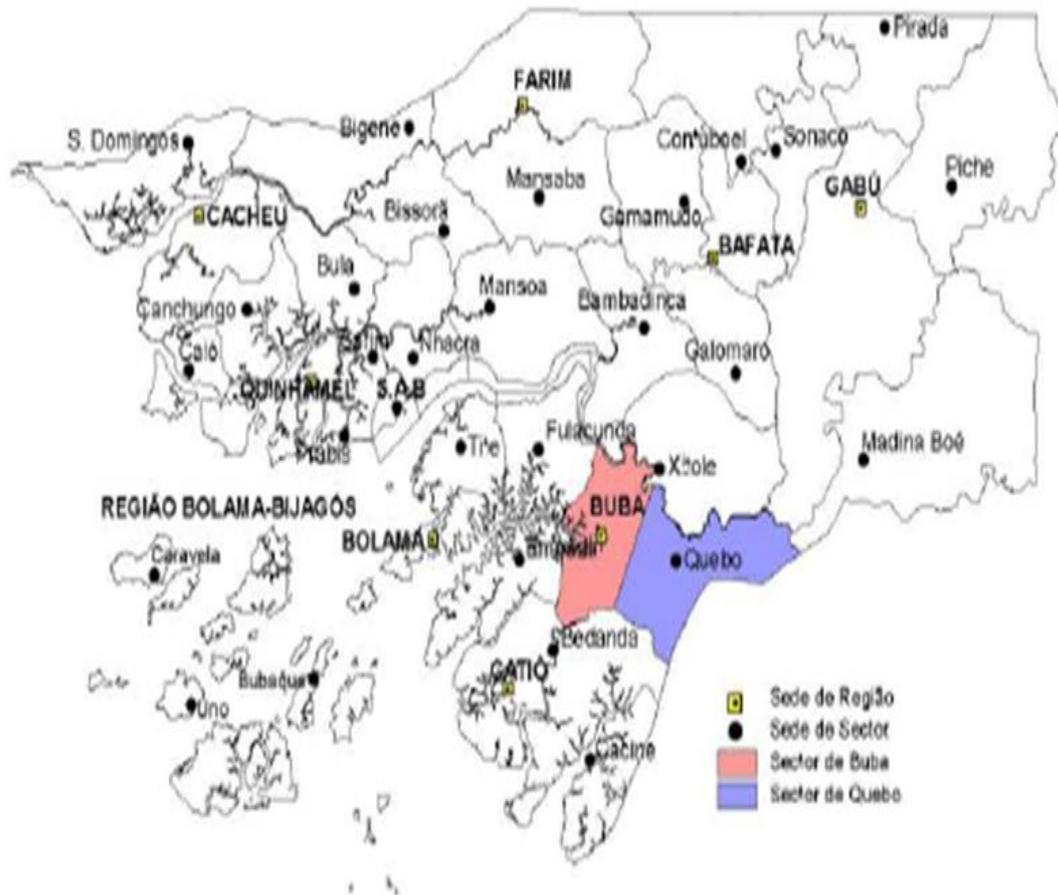
No nosso entender o termo chefe não cabe nos discursos familiares pois este remete à uma relação social construída a partir de conjunto familiar definida pela hierarquia e muitas vezes traduzidas em hierarquização da força entre homem e mulher, mas sim as mulheres passaram a assumir papel importante na manutenção da família.

A ideia de pensar as mulheres em um país que vive sob à violência pode ser significativo para nossa pesquisa é compreender que estas mulheres são sujeitas da história e fazem parte das dinâmicas sociais nestes territórios.

A Guiné-Bissau é um pequeno país na África ocidental antes colonizada pelos portugueses. Faz fronteira com Senegal ao norte e sul com a Guiné Conacri. Tomou sua independência através de uma guerra armada que durou 11 anos, (1963-1974). Além do conflito político militar de 1998 (OLIVEIRA, 2020).

A guerra de libertação nacional teve grande protagonismo de mulheres como Titina Silla, Carmen Pereira, Teodora Inácia Gomes e entre outras (GODINHO,2015). Essas mulheres desempenharam um papel muito importante na luta de libertação no território da Guiné-Bissau. Apesar de ser um território multiétnico e multi-religioso

com múltiplas culturas, mas essas diferenças não sobrepõem as resistências e a vitória contra a colonização portuguesa em Guiné.



Mapa1. Os sectores que compõem as regiões da Guiné-Bissau. Fonte: BALDE, Saico. Buba-Quebo: Corredor De Desenvolvimento No Sul Da Guiné-Bissau. Março, 2008.

A nossa compreensão no que refere às mulheres guineenses é baseada no conhecimento que temos da nossa realidade e principalmente, na medida que este nosso conhecimento enquanto mulher negra, africana com raízes profundas das mulheres *bideras*, mulheres *firkidja* e mulheres mães. Será igualmente importante para a construção do nosso argumento no que refere à participação das mulheres nas atividades comerciais da Guiné-Bissau. Entretanto, isso não quer dizer que a base do nosso saber é superficial já que o conhecimento muitas vezes é seletivo numa direção abissal (SOUSA, 2010), nega muitas experiências sociais africanas, ou seja, o domínio da escrita nega a oralidade numa perspectiva no qual as fontes orais são tidas como falíveis negando toda nossa experiência enquanto sujeitos históricos que compartilham um passado coletivo permeado de valores seculares baseadas nas experiências desde os nossos ancestrais (Hampate Bâ, 2010). Isto nos preocupa na medida que ao negar essas experiências, negam à história a nós e as nossas realidades que até nos dias atuais continuam guardadas e transmitidas através das

gerações de *mandjuandadi* e oralidade (OLIVEIRA, 2021). Daí que, nosso conhecimento em relação a isso tem a ver com a própria realidade social e cultural da nossa terra, essa realidade é permeada pelas transformações sociais e econômicas nos quais as mulheres se apresentam como “firkidja de kasa” (alicerce principal). Para Peti Mama Gomes (2019) as mulheres criam organizações/associações com objetivos de se fortalecerem e organizarem suas atividades comerciais em diferentes formas com que o mercado se apresenta no país. Ou seja, as mulheres não só vendem os produtos, mas também são produtores de diferentes produtos que abastecem os mercados em Guiné-Bissau. É a partir disso que podemos compreender Patrícia Godinho Gomes (2012) ao afirmar que as lutas, os desafios que as mulheres encaram em Guiné-Bissau devem ser estudadas em dimensões diferentes, visto que, acabam mexendo com todas as atividades tanto comerciais quanto políticas. Contudo, é interessante realçar aqui de que, apesar destes envolvimento, as mulheres ainda não são bem vistas na política guineense, pois os homens continuam a assumir os papéis tidos como fundamentais na sociedade guineense.

### **MULHERES NOS MERCADOS INFORMAIS**

As mulheres, enquanto sujeitos históricos, tiveram as suas experiências sociais que diretamente influenciam nossas sociedades. As sociedades africanas, em particular as sociedades guineenses nas quais as mulheres são protagonistas das principais histórias e que atuam nas organizações políticas e econômicas, são partes que nos colocam a pensar e refletir sobre os papéis que têm se desenvolvido na contemporaneidade.

Na sociedade guineense o conceito trabalho/ profissão, na maioria dos casos se resume só ao trabalho formal. Quando se pergunta a uma pessoa “Qual é a profissão do teu pai?” A pessoa responde que o pai é comerciante ou carpinteiro, mas quando se pergunta da mãe, fala que a mãe não trabalha. Para muitas pessoas na Guiné Bissau o trabalho informal não é considerado trabalho mesmo que estas mulheres atuem como bideras, (N’ZALÉ, 2018, p.10)

Foi nisto que nosso argumento de que as mulheres são pilares na manutenção das relações sociais nas diferentes regiões da Guiné se baseia no fato de que estas mulheres são na maior parte agentes de manutenção das relações sociais e muitas vezes seus trabalhos não são reconhecidos. Mas, contrariamente dos tempos antigos, na atualidade se vê mais atenção aos trabalhos das mulheres, visto que frutos dos seus trabalhos sustentam toda a família, inclusive o homem. A relação tem sido outra a partir do papel que elas assumem.

Minha experiência como mulher negra e com experiência destas atividades através da rede familiar me permite explorar este assunto. Era uma atividade que fazíamos em família ao longo de anos para manutenção da nossa família, e nestas atividades muitas

mulheres são acompanhadas das suas filhas que lhes auxiliam. As filhas iam para aula, ao voltar iam direto para ajudar as suas mães nas vendas, pois é ali que sai o dinheiro de manutenção da casa e pagar escolas privadas. A participação do familiar que neste caso refiro a mães e os filhos tornam-se frequentes na medida que suas participações nestes espaços comerciais se tornam concorrentes. Arredor da capital Bissau há muitas redes de mercados e feiras, lugares que as mulheres desenvolvem estas atividades, aqui destacaremos alguns deles.

Mercados e feiras entre os bairros de Bissau, Guiné-Bissau		
Bairro Bandim	Mercado de Bandim, de Caracol, de Mindara, de Porto de Bissau,	Feira de Bandim, de Subida de Cabana e Chapa
Praça	Mercado Central	Feira
Pefine	Mercado de Pefine, de Santa Luzia	Feira
Bairro D´Juda	Mercado de Bairro	
Bairro Militar	Mercado de bairro Militar	Feira
Antula		Feira
Pluba		Feira
Míssira		Feira
Quelelé		Feira
Bôr		Feira
Kundock		Feira
Aeroporto		Feira
Plack 1 e 2		Feira
Cuntum e Madina		Feira
Hafia		Feira
Luanda		Feira

Fonte: elaborada pela autora, Letícia Monteiro Djonu (2021)

Estes lugares são maioritariamente ocupados pelas mulheres vendedeiras. Há famílias que escolhem um lugar e este lugar passa em quase toda aquela família, de mãe para filhos e netos, assim sucessivamente. Importante realçar que, todos os grupos étnicos participam nas vendas nos mercados e abastecem através de diferentes produtos vindos de diferentes regiões do país e dos países vizinhos como o Senegal, país no qual muitas mulheres vão comprar outros produtos para vender, também a Guiné Conacri, Cabo Verde, Portugal e Brasil. Além de espaço disponível em *granja* de Pessubé com largo espaço que as mulheres atuam através de horticultura.

Cito, por exemplo, o meu caso e a minha família. Pode-se dizer que, muitas mulheres avós ou mães que vendem nestes espaços, mais tarde passam esse lugar para família continuar. Por isso, as vezes mãe e filhas vendem em conjunto, como no meu caso, eu ajudava a minha mãe nas vendas as vezes as minhas irmãs também ajudavam, como estudamos em turnos diferentes cada uma ajudava quando tem tempo livre, a etnia que mais predomina os mercados ditos pela própria sociedade são as etnias Mancanhas,

os mercados maiores e mais importante são mercados Bandim, mercado de Caracol, e mercado Praça, esses mercados existem após independência (1973) que é um período mais liberal.

A pandemia tem afetado muito as vendas dessas mulheres, primeiro o Estado não criou condições mínimas para essas mulheres como vimos nos outros países que o estado disponibilizou auxílio emergencial e cestas básicas para pessoas que estão em vulnerabilidade, num país onde maioria das populações vivem de venda e com o estado de calamidade que o governo decretou complica muito essas mulheres, mesmo assim, elas brigam pelo sustentos das suas famílias, principalmente isso aconteceu recentemente no país, os policiais batem essas mulheres que saem para procurar sustentos de suas famílias.

### **RELATO DO COTIDIANO DE ALGUMAS MULHERES NOS MERCADOS DE BISSAU**

A ideia de pensar o cotidiano das mulheres guineenses nos mercados é também, pensar as suas lutas e resistência diante da violência do Estado e dos seus esposos em casa. Para isso, nossas entrevistas foram feitas com algumas mulheres cujos laços vemos como “família”<sup>4</sup> na concepção guineense. As entrevistas foram feitas no ano de 2021, as perguntas que foram feitas são: como as atividades comerciais nos mercados informais em Bissau influenciam a vida familiar? Como as mulheres lidam com os agentes da câmara de Bissau que cobram receitas do Estado? Como estas atividades econômicas contribuem na organização social? Nas conversas gravadas pela minha irmã que também é vendedeira no mercado, as mulheres entrevistadas de maneira consciente falam dos seus cotidianos nestes espaços. Espaços que consideram como parte das suas vidas e que passam a maior parte do tempo, pois, para manter a família, pagar escola dos filhos, roupas, comidas, casos de doenças, é necessário estar todos os dias nas feiras. Esse olhar e participação antropológica são importantes para sentir e ouvir a sensação e a resistência destas mulheres. Importante realçar que, todas as pessoas entrevistadas são meus conhecidos, pois desde da infância frequentava com a minha mãe o mercado, onde vendíamos juntamente com estas (minhas interlocutoras) e outras mulheres.

---

<sup>4</sup> O termo família nem sempre é vista como pai, mãe e filhos ou avós, na nossa sociedade considera-se família qualquer que seja pessoa, independentemente da sua etnia, classe social, região ou bairro. É a partir disso que utilizamos o termo família para sinalizar à uma pessoa com quem temos laços de muita amizade e de longos tempos. Além disso, foram pessoas que sempre tiveram suas vidas nos mercados de Bissau.

Nossa sociedade muitas vezes tenta fundamentar um argumento machista que olha as mulheres como partes fracas, impotentes, donas da casa, vendedeiras de ruas, assim sucessivamente. Este fato é conhecido por todos os guineenses. Ao longo da pesquisa tivemos conversas com mulheres que atuam em diferentes espaços comerciais e também aquelas que de alguma forma sofrem violências por parte dos homens e da sociedade, tornando assim desprotegidas e vulneráveis. O Estado desqualificado das suas obrigações de defesa dos cidadãos, passa atuar como violentador destes cidadãos que buscam contribuir com impostos, mas sem proteção. Ninguém olha as mulheres como grandes parceiros do Estado e que impulsionam a economia do país, diz uma das nossas entrevistadas. Nos relatos destas mulheres que deixam qualquer um emocionado, elas contam seus problemas diários, as violências por parte da polícia municipal de Bissau, nos transportes urbanos, nas ruas e nas cidades de Bissau.

Muitas destas mulheres acordam cedo, saindo de casa para a horta pegar os legumes depois de levar no mercado para vender, e só voltam em casa à noite. Falo isso porque sou filha de bidera, eu vivenciei isso desde a minha infância. Vi a minha mãe saindo de casa dia e volta só a noite pois era única forma para sustentar a família. Foi com estas vendas que ela resolvia as nossas necessidades de pagar escola, comprar comida, roupas, medicamentos e outros.

A vida social das mulheres guineenses é construída na base de muito esforço diário num país com constante crise política, assassinatos, espancamentos, raptos e machismo. O Estado enquanto guia para sociedade vive sob neutralidade diante das violências que as mulheres sofrem tanto por parte dos seus esposos quanto por parte das polícias camarárias que violam as mulheres, retiram seus dinheiros, seus produtos de venda, suas pertenças. Estas situações são várias vezes denunciadas por grupos de mulheres, mas sem efeito por parte daquele que podia defender as mulheres na justiça. Numa das falas da nossa entrevistada que preferimos utilizar um nome fictício de Mariama relata:

Uma vez roubaram todos os seus produtos em Safim porque tinha que pagar todo o produto que comprei para revender em Bissau. Mas, não me restava dinheiro na mão, aí acabei por perder os meus produtos. Fui dar queixa e não resultou em nada até hoje. O governo só atrapalha as nossas atividades. E, eu não posso parar de vender, isso começou com meus avós, eu só tenho essa atividade na vida (MARIAMA, 2021)

Podemos constatar que todas as mulheres que conversamos ao longo da nossa pesquisa herdaram a venda de algum parente delas, ou seja, todas elas eram parentes de uma mulher vendedeira, e muitas delas têm um nível de escolaridade muito baixo. Antigamente no período antes e os primeiros anos após a independência as mulheres eram proibidas de

frequentar as escolas e são colocadas para cuidar de casa até um certa idade são obrigadas a casar por isso que muitas dessas não são dadas oportunidade de aprenderem a escrever e ler. No caso da Marta, estudou até o 9 ano da escolaridade, devido as dificuldades, teve que deixar os estudos para vender nos mercados quiabo, djagatu, pimenta. Ela é da etnia mancanha. Casou e tem quatro filhos, mora com esposo, enquanto que a dona Maria Nhaga, viúva de 50 anos de idade, tem 5 filhos, três meninas e dois meninos, vende quiabo, djagatu, tomate, cebola, as vezes pepino e outros. Segundo ela, mora com todos os filhos e vende para poder dar vida melhor a estes filhos. A Samira Sami de 47 anos de idade, tem três filhas. Moram juntos com seu esposo e as filhas, ela vende carvão e lenha (lenhacinho no crioulo de Guiné).

Em Guiné-Bissau frequentemente usa-se o termo “falta de oportunidade”, o termo passou a ser conhecida como sinônimo de pobreza, mas para estas mulheres, quando se quer cuidar da família, tem que arranjar oportunidade. Nas conversas informais ainda no mercado, as mulheres falavam das suas experiências e como a família foi importante para tomar a decisão de continuar a vender no mercado. É partir disso que, segundo a Marta:

Nem sempre a venda é boa por causa das outras mulheres que também vendem, mas essas são vendedoras ambulantes que circulam de lado para outro com as bandejas nas mãos. Essas mulheres têm mais chance de vender do que aquelas que tem um lugar fixo, mas mesmo assim elas conseguem conseguir alguma coisa para levar em casa, também tem o pessoal da câmara (referindo à polícia municipal) que atrapalha muito a venda, chegam e pegam todos os nossos produtos e as vezes eles jogam fara. (MARTA, 2021).



Imagem1: Mercado Bandim  
Fonte: Felismina Monteiro Djonu (2021)

A fala de Marta na nossa entrevista mostra uma preocupação de ter uma atenção do Estado em relação as suas atividades comerciais, mas isso não acontece, pois, continuando nossas conversas com as mulheres, continuava a aparecer semelhança nas falas delas informando sucessivos atos de violência policial nos mercados. Para isso, outra nossa entrevistada que vende legumes, frutas e peixes, afirma:

Eu acordo as 6 horas da manhã todos os dias para ir ao porto esperar os barcos e canoas da pesca para comprar peixe em quantidade e outros produtos e depois levar para revender no mercado, mas ao chegar no mercado a maior dificuldade que ela passa e com os fiscais, porque os fiscais não sabem comportar e não tem paciência. Eles não querem saber se a pessoa conseguiu vender ou não. Basta você chegar, eles começam a cobrar o mercado. E, se você falar para eles que ainda é cedo para voltar depois, eles começam logo a insultar e jogar seus produtos no chão ou te prender (algemar). E, para recuperar o seu produto, você terá que comprá-los de novo nas mãos dos fiscais. Eles é que determinam o preço que a vendedora vai pagar para ter o produto de volta. Até porque os fiscais fazem isso para poder conseguir o dinheiro deles para colocar no bolso. Nós dividimos o lucro com os fiscais de câmara e não recebemos nenhum tipo de apoio do governo, até porque eles não vão ao mercado para saber como e quais são as necessidades e dificuldades que passamos no mercado, (SAMIRA, 2021).

A necessidade de pensarmos as mulheres em Guiné-Bissau é de extrema importância, pois isso nos permitirá compreender como a violência contra elas é naturalizada e apadrinhado pelo Estado. O que a mulher bidera faz é nobre na medida que sua luta pela sobrevivência, a luta pela família, a luta pela sociedade mostrada através de tralhado nos mercados e feiras de Bissau ilustra um verdadeiro sentido da sua humanidade enquanto mãe-poderosa. Para Anilisa Lima Almeida que tem trabalho temas a respeito das mulheres “[...] no âmbito do mercado informal, as mulheres ocupam posição de destaque e atuam firmemente na defesa da dignidade das suas famílias. Como, por exemplo, na agricultura, nas feiras como *bideiras* (vendedeiras), e no comércio em particular” (ALMEIDA, p.5, 2018).



Imagem2: Granja de Pessubé

Fonte: Felismina Monteiro Djonu (2021)

Essas atuações das mulheres nestes lugares não devem ser tomadas e ou naturalizadas como seus papéis sociais, mas sim como ato de resistência e de sobrevivência, pois são nestes lugares que o verdadeiro significado da mãe-poderosa é visto por aqueles que olham para as mulheres como preservadoras da sociedade pois as mulheres olham o mundo como espaço de resistência e de relacionamento mutuo. Isso pode ter entendido na fala de uma da nossa entrevista que preferiu não mostrar a cara na foto, no qual ela afirma que sofria violência por parte de seu esposo, ele lhe batia diante dos filhos, mas não saiu da casa por causa dos seus filhos.

Ele me batia diante dos filhos, me humilhava na frente de todos por tudo e por nada porque ele era dependente alcoólica. Eu mentia para família só para não deixar meus filhos neste casamento. Hoje em dia ele já faleceu e eu continuo a cuidar dos meus filhos graças as vendas que faço na feira. (DONA MARIA, 2021).

Comportamento semelhante a isso pode ser vista diariamente nas cidades da Guiné-Bissau, pois muitos homens tendem a pensar que as mulheres são suas propriedades e atuam contra elas, pois os Estado não lhes dão a proteção.

Ainda que as situações são adversas, elas continuam sendo parte mais importante na manutenção da família guineense.



<sup>5</sup>Imagem 3: No mercado de Caracol

Fonte: Felismina Monteiro Djonu (2021)



Imagem 4: Mercado de Chapa de Bissau

Fonte: Felismina Monteiro Djonu (2021)

A venda nas ruas de Bissau nos últimos tempos é vista como alternativa para sobrevivência, pois a única forma para se manter viva é viver das vendas. O país segue sem rumo em relação à estabilização, os sinais de conflitos continuam evidentes e as violências contra as mulheres e crianças são cada vez mais assustadores. Daí a urgência de uma maior participação das mulheres na política, como afirma a Patrícia Godinho Gomes ao encerrar seu artigo com palavra de ouro afirmando que “Mas devem ser antes de mais as próprias mulheres a lutarem contra esse fenômeno, unidas” (GOMES, p.10, 2021). E, é a partir disso que, a sociedade guineense reconhece esse papel das mães que vendem e lhes atribuem o título de mindjeris bideras e firkidja de kasa.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ideia até aqui discutida é só uma parte da história das mulheres guineenses nos mercados de Bissau, sem, no entanto, falar de outros mercados no interior do país e nas zonas periféricas da capital. As mulheres mostram seus potenciais e resistência ao desemprego e falta de oportunidade. Daí a escolha de mercado informal como forma de subsistência. Era e é necessário que o Estado assume o papel de mediador na criação de emprego e defesa das mulheres que sofrem violências nas casas e acima de tudo criar meios para que haja condições de trabalho, enfim, segundo os relatos, as forças policiais da câmara municipal violam, roubam e proíbem elas de venderem em muitos espaços sem, no entanto, mostrarem outras propostas alternativas para continuidade das suas atividades. É difícil conviver com situação como aquela encontrada nos relatos das mulheres, mas pela forma como a sociedade guineense vive, um país “pobre” e com instabilidades, golpes de Estado, assassinatos e tantos outros crimes.

Políticos vivem nos luxos, não se pode esperar umas políticas públicas voltadas à população. Neste momento já se assiste greve de dois anos no sector de ensino e mais de dez meses greve na saúde, ou seja, de modo geral, na função pública, prejudicando assim a vida das populações. No início da pandemia, assistimos denúncias das mulheres que foram presas porque estavam vendendo seus produtos para levar comida aos filhos. Mulheres espancadas nas ruas pela polícia porque estavam vendendo carvão.

É importante realçar os papéis das mulheres na sociedade guineense, pois isso, permite reconhecer os esforços que fazem tanto nos mercados, em casa e particularmente na sua formação. Algumas destas mulheres trabalham durante o dia e à noite vão à escola. Esta semana foi divulgada a história de uma vendedeira de rua que conseguiu se formar em direito. Trata-se de Nita Viriato de 59 anos de idade. A notícia foi divulgada sob o título:

*Vendedeira de ruas licenciada em direito pela faculdade de Direito de Bissau* (RÁDIO JOVEM, 12, 2021). Na altura, houve vários comentários nas diferentes plataformas digitais onde os guineenses participaram. A história da Nita é uma entre muitas outras que a sociedade guineense vive, pois, as mulheres assim, são vistas como poderosas, que não desistem dos sonhos. Nita ingressou na faculdade de direito em 2005, por meio de um vestibular local, mas só se formou após 15 anos. Ou seja, vender nas ruas, cuidar dos filhos incluindo esposo, estudar e enfrentar a estrutura machista da sociedade é um desafio. Na entrevista que a rádio fez a ela, a Nita afirma, “não posso deixar de vender, é o único sítio onde encontro segurança para a minha família” (RÁDIO JOVEM, 12, 2021). Com esse relato, não só confirma que outras mulheres falaram na entrevista e o que eu vivi com a minha mãe, mas também vem mostrar essa mulher *firkidja* de kasa, que não deixa faltar nada à família.

Diante disso, estamos perante um problema social, no qual o estado abandona e violenta as mulheres. Para tanto, espera-se que as autoridades e organismos nacionais e internacionais criem políticas públicas para as populações particularmente para as mulheres *firkidja* de kasa que têm desempenhado importantes papéis para manutenção da família guineense. Eu sou fruto do trabalho de venda de uma destas mulheres.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Anilsa Lima. Participação das Mulheres Guineenses no processo de resistências contra o colonialismo Português: O caso da Rainha Okimka Pampa. Unilab, 2018.

BALDÉ, Saico. BUBA-QUEBO: Corredor de desenvolvimento no sul da Guiné-Bissau, março, 2008.

BIAGUE, Goia Alfredo. Da invisibilidade a representatividade: breve discussão sobre a mulher na esfera pública de Guiné-Bissau. UFMA, 2019.

Constituição da República da Guiné-Bissau, 1996.

DANTAS, Mônica Fagundes. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança: urdimento, V2, n.27, 2016.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa, 4-edicao são Paulo editora atlas S.A. 2002.

GODINHO, Patrícia Gomes. A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo. Excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes. Dakar Senegal, Juin. 2015.

\_\_\_\_\_. Na senda da luta pela paz e igualdade. O contributo das mulheres guineenses. **BUALA**, 08 de março, 2012. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/na-senda-da-luta-pela-paz-e-igualdade-o-contributo-das-mulheres-guineenses>. Acesso em 02/12/2021

GOMES, Peti Mama. **Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Bobock e Bontche**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusófona Afro-Brasileira - UFC\Unilab, Redenção – CE, 2019.

HAMPATÊ BÂ, Amadou. Tradição Viva. História Geral da África: Metodologia e Pré História da África. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010.

MENDES, Hipólito. Mindjeris de Guiné Bissau tene balur. UNILAB, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, et al. *Pesquisa Social*. Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

N'ZALÉ, Patrícia. Mindjeris bideras: Trabalho Informal, gênero e desenvolvimento social na Guiné Bissau. UNILAB, 2018.

OLIVEIRA, Adilson Victor. **A infância perdida**: conflito político militar de 07 de junho de 1998 na Guiné-Bissau. Revista África Africanidades, n. 34, maio, 2020.

\_\_\_\_\_. CULTURA E PODER EM CASAMANSA: uma leitura sobre a bibliografia colonial da região. 2021. 102 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades. Instituto de Instituto de Humanidades (IH), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, 2021.

RÁDIO JOVEM DA GUINÉ-BISSAU. Vendedeira de ruas licenciada em Direito pela Faculdade de Direito de Bissau. Disponível em:

[https://radiojovem.info/2021/12/17/vendedeira-de-ruas-licenciada-em-direito-pela-faculdade-de-direito-de-bissau/?fbclid=IwAR2dnGIIhHrn34ZQN-](https://radiojovem.info/2021/12/17/vendedeira-de-ruas-licenciada-em-direito-pela-faculdade-de-direito-de-bissau/?fbclid=IwAR2dnGIIhHrn34ZQN-XulDQBZFc6XNxWhRQmEsNB0uIXuo_JIRmaRhcaNNg)

XulDQBZFc6XNxWhRQmEsNB0uIXuo\_JIRmaRhcaNNg. Acesso em: 17/12/2021

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. As Mandjuandadi, cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à Literatura. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, 2010.